A OBRA DA VIDA É UM ETERNO, UM PERENE, CONSTRUIR

Boa noite a todos que estão assistindo esta significativa cerimônia saudando-os nas pessoas do Magnífico Reitor da Universidade Federal do Maranhão, Professor-Doutor Natalino Salgado Filho, do Professor-Doutor e Vice-Reitor Marcos Fábio Belo Matos, em nome dos quais saúdo os Gestores, Professores, Servidores e Discentes da Universidade Federal do Maranhão, nossos familiares e amigos, dos homenageados, senhoras e senhores, caros homenageados e homenageadas com o título de Professor Emérito da UFMA, Professores e Professoras:

Antônio Carlos Leal de Castro;
Antônio Cordeiro Feitosa;
Aymoré de Castro Alvim;
Carlos Celso Gomes Nunes;
Ceres Costa Fernandes;
Fernando José Cunha Belfort;
Haroldo Silva e Souza;
José Batista de Oliveira;
Este orador, Manoel Rubim da Silva;
Zenir de Jesus Lins Ponte

Honrado por ter sido indicado para falar em nome dos Ilustríssimos e das Ilustríssimas homenageados e homenageadas, inverto a ordem natural do discurso, para, em primeiro plano, manifestar a nossa gratidão à Universidade Federal do Maranhão, nas pessoas do Magnifico-Reitor, Professor-Doutor Natalino Salgado Filho, do Vice-Reitor, Professor-Doutor Marcos Fábio Belo Matos e dos e/ou das nobres integrantes do Conselho Universitário, que nos outorgaram esse reconhecimento agudizador do nosso sentimento de gratidão à Universidade Federal do Maranhão, nossa querida UFMA, um ser aparentemente inanimado, porém com uma alma pulsante, que nos faz sentir como integrante das nossas famílias, afinal a UFMA é a nossa alma mater, ou de muitos que estão sendo homenageados nesta noite.

Extraio algumas palavras do livro intitulado *O LIVRO DO POR VIR,* cujo autor, escritor e ensaísta francês, Maurice Blanchot, no qual ele aborda a obra de alguns renomados nomes da literatura mundial, literatos como Marcel

Proust, Henry James, Marlamé, entre outros, mais precisamente ao comentar a experiência de Proust, no tocante ao segredo da narrativa.
Diz Maurice Blanchot: *ocorre que Proust, por uma confusão fascinante, extrai das singularidades que penetram sua vida, Recursos que lhe permitem também salvar o tempo real. Há, em sua obra, uma intricação, talvez enganosa, mas maravilhosa de todas as formas do tempo. Nunca sabemos, e muito rapidamente ele mesmo já não é capaz de saber, a qual tempo pertence o acontecimento que evoca, se aquilo acontece somente no tempo da narrativa ou se acontece para que o momento da narrativa, a partir do qual o que aconteceu se torna realidade e verdade.*

É assim que me sinto, e creio que represento , de certo modo, o sentir dos homenageados e homenageadas, neste dia, com o honroso título de Professor e Professora Emético ou Emérita, desta augusta Universidade Federal do Maranhão, cuja certidão de nascimento remonta à Lei nº 5.152 de 21 de outubro de 1966, então nominada Fundação Universidade do Maranhão, que já nasceu dadivosa para com o povo desta terra, pois albergava no seu ventre de mãe, a Universidade do Maranhão, integradas pelas Faculdades de Direito, Escola de Farmácia e Odontologia, Faculdade de Filosofia, a Escola do Serviço Social, a Faculdade de Ciências Médicas e a Faculdade de Ciências Econômicas do Maranhão, esta criada pelos esforços de Professores, como Waldemar Carvalho, Pompílio Albuquerque e outros.

A Universidade Federal do Maranhão nascia, naquele instante, porém já habitara o onirismo do poeta Sousândrade, pois somente os poetas inventam, pelo menos, nas suas mentes, as realidades que às vezes se avizinham.

Afinal, o *Guesa Errante*, formado em Letras e Engenharia de Minas, em Sorbone-Paris, já pressentia, nos anos 1800, a transdisciplinaridade, tão destaca por um sábio dos tempos modernos, Edgar Morin.

Em a *Conquista da Felicidade,* Bertrand Russell, tido como um dos maiores filósofos do século XX, elenca, na primeira parte do seu livro, as causas da infelicidade, e, na segunda, as causas da felicidade.

Como vivemos momentos de grande felicidade, ao recebermos a honraria de Professor Emérito, destaco, para comunicar com o saber de Bertrand Russel, outro focado na transdisciplinaridade, pois matemático, ensaísta, filósofo e crítico literário britânico, as atribuídas, por Russel, as causas da

felicidade, que seriam: entusiasmo, afeição, família, trabalho, interesses impessoais, esforço e resignação.

Logo, com certeza, estamos diante de mulheres e homens, professoras e professores, felizes por termos, com certeza, trilhado esses caminhos, para chegarmos ao presente momento, sem deixarmos de reconhecer que nesses caminhos não encontramos, somente, belas, atraentes e viçosas flores, também, porém, como bons jardineiros e jardineiras, tivemos que saber como acariciá-las, como regá-las, diante de ameaçadores e ciumentos espinhos.

Todavia, se não bastam as palavras do sábio britânico, que nos deixou, em 1970, refiro-me a Bertrand Russel, há outro sábio, qual seja, o francês Luc Feery, que em *7 MANEIRAS DE SER FELIZ – COMO VIVER DE FORMA PLENA,* tece, entre outras, alguns caminhos floridos da felicidade:

Amar: felicidade ou infelicidade do amar; Admirar, ou por que a admiração nos deixa felizes? Emancipar-se, liberdade ou felicidade? Ampliar os horizontes: por que o pensamento ampliado nos deixa felizes? Aprender e criar: sofrimentos e alegrias do conhecimento; Agir: por que trabalhar para o bem de outrem pode fazer você feliz;

Senhores e senhoras!

Resulta uma indagação, cuja resposta quiçá possa ser dessumida do presente texto:

Como ser nominado de Professores e/ou de Professoras se não amamos as pessoas e o saber, se não admiramos o conhecimento, se não ampliamos os horizontes nosso, dos discentes e da sociedade, se não trabalhamos para o bem de outrem?

Deixo essas indagações dependuradas nos cordões vibrantes dos vossos corações, que pulsam no ritmo das nossas paixões ou não.

Porém, evoco socorro e deixo a cargo das membranas cerebrais a contenção das respostas emotivas para essas indagações.

Caminhamos até aqui, fomos levados do mundo dos ser, para o mundo do tornar-se, da epistemologia, para a ontologia, na acepção de Zygmund Bauman e Rein Raude, no livro *A INDIVIDUALIDADE NUMA ÉPOCA DE INCERTEZAS.*

Nobres Professores e Professoras, observo caminhos adornados e pavimentados pelo frescor dadivoso e gratificante da *Árvore da Vida,* para que venhamos continuar a ornamentá-la, caminhando pelas estradas, não como andarilhos (as), pois sabemos os caminhos, que nos levam a servir.

Afinal, a *OBRA DA VIDA DEMANDA UM ETERNO, UM PERENE, CONSTRUIR.* Logo, que essas obras, ensejadoras do receber as honrarias, sejam continuadas, por nós, ou mesmo pelos que nos sucedem nessa bela empreita do transmitir conhecimentos, através do ensino dialogal.